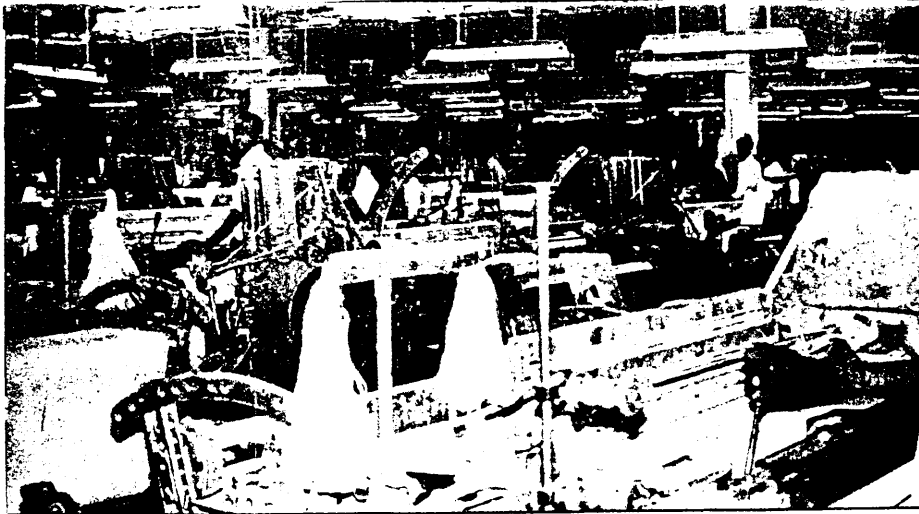


Em defesa da economia

O treino de autodefesa dos trabalhadores de sectores-chave para a economia do País, na província de Manica, constitui já uma realidade, dado o grau de participação a que todos estão empenhados. Por exemplo, na IFLOMA ou na TEXTÁFRICA, bem como no distrito de Sussundenga, os trabalhadores já estão capacitados para poderem dizer: «Bandido armado não passará!»

Era manhã, quando visitámos o centro de preparação de milícias da Textáfrica. Entre os instrutores, encontramos Galatiel Alexandre Matsinhe, ex-combatente das Forças Populares de Libertação de Moçambique, actualmente dobrador de mantas na referida fábrica.



Interior da Fábrica Textáfrica em Chimolo, uma das unidades económicas que possui forças de autodefesa

Com a firmeza que o caracteriza, disse-nos:

«Há pessoas que aqui ficam admiradas quando vêem homens e mulheres a treinar. Será que não sabem que através dos bandidos armados, o regime do «apartheid» nos agride, tentando desestabilizar a nossa economia?»

E o seu companheiro António Tai Chapungo acrescentou: «Na Textáfrica, já sofremos ataques dos bandidos. Nossos carros foram queimados, quando vinham do carregamento de lenha para as caldeiras. Tractores também. Agora, eles sabem que nós estamos a vigiar tudo e que estamos preparados para os enfrentar militarmente e por isso não se atrevem a incomodar de qualquer maneira».

JÁ PARTICIPAM EM COMBATES

No mesmo centro, contaram-nos um significativo episódio, que se verificou recentemente. Os bandidos armados chegaram muito perto das posições dos milicianos da Textáfrica. Alguém lhes tinha informado que essas posições estavam muito fracas.

Mas quando os bandidos chegaram, encontraram uma forte barreira de fogo que os obrigou a uma retirada em debandada. Fize-

«Só que nós nos sentimos orgulhosos por isso. O que eles não contavam, era que nós fôssemos milicianos de verdade e não os tememos quando estamos em igualdade de circunstâncias, ou seja armados também» — disse muito vaidoso o miliciano Ernesto Notiço.

Ester José Miliço, costureira da fábrica há mais de 11 anos, e que também está no treino, fez questão para que registássemos aquilo que ela considerou de um apelo: «Vim treinar porque, acho que nós mulheres, assim como lá nas máquinas da fábrica, também devemos estar lado a lado com os homens para combater em defesa da nossa economia». □